sociais relativos à percepção do trabalho que o grupo partilha.

Neste estudo manipulámos os índices sociais relativos à percepção do trabalho numa amostra de 169 quadros de uma empresa. Os sujeitos, distribuídos aleatoriamente pelas condições experimentais, ou recebiam a informação de que os seus colegas tinham uma percepção do trabalho que realizavam como interessante (grupo experimental 1), ou como monótono (grupo experimental 2) ou não recebiam qualquer tipo de informação (grupo controlo). Em seguida, todos os sujeitos respondiam a uma escala de satisfação.

Os resultados mostram uma diferença significativa entre os dois grupos experimentais, que vai no sentido da hipótese formulada. Estes resultados são discutidos, analisando-se as suas implicações a nível do diagnóstico e da intervenção organizacional.

ARAVOE: UM SISTEMA DE REGISTO E DIAGNÓSTICO DE INTERACÇÕES EM GRUPO

ARTUR PARREIRA
Universidade Autónoma de Lisboa

ARAVOE é a designação de um sistema de observação e interpretação de comportamentos em situação grupal, elaborada a partir das categorias de Bales e das atitudes comunicacionais resultantes dos estudos terapêuticos de Rogers e continuadores.

O sistema contém uma ficha de registo e um teste situacional, cujos dados se podem articular. Assenta numa concepção do processo de liderança que designámos de modelo multiplex (na expressão de Edgar Morin) e que perspectiva a liderança na óptica dos sistemas complexos de acção.

O sistema ARAVOE pretende responder a esta complexidade, registando as interacções a três níveis:

— como micro-comportamentos, por meio de cinco categorias;

— como meso-sistemas relacionais, pelo registo do desempenho de quatro papéis (três dos quais definidos em Bales e Borgatta, *Small groups*);

— como unidades estruturais, pela sua inserção em duas áreas de actividade grupal.

A ficha fornece indicações sobre o estilo relacional dos participantes no grupo, a sua flexibilidade, a sua iniciativa, o seu uso do poder, e pode funcionar como registo sociométrico espontâneo.

Tem sido utilizado em *formação* para introdução de mudanças intencionais nos estilos de liderança e utilização do poder (tipos referenciados primariamente em Etzioni); e na *selecção*, em provas de grupo, para diagnóstico do potencial de liderança.

Continuamos actualmente a recolha de dados, na versão actual, em ordem à fixação de normas para decisão.

C. CONSULTA PSICOLÓGICA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

COORDENADOR: *PROF. BÁRTOLO PAIVA CAMPOS* • Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Univ. do Porto

CONSULTA PSICOLÓGICA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

JOAQUIM LUÍS COIMBRA / BÁRTOLO PAIVA CAMPOS
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Apresenta-se a concepção de Consulta Psicológica para o Desenvolvimento Humano como toda e qualquer prática de intervenção psicológica visando a promoção do desenvolvimento de indivíduos, grupos, instituições e comunidades. Caracteriza-se o *rationale* deste modelo — integração ao nível dos alvos (já referida), das estratégias (directas e indirectas), dos programas (consulta individual, em grupo, consultadoria triádica, de processo e organizacional), dos contextos de intervenção e dos objectivos (remediativos, preventivos e promocionais) — no sentido da ultrapassagem de clivagens tradicionais entre diversas formas de intervenção psicológica: psicoterapia, psicologia clínica, *counseling*...

Tematizam-se as principais concepções do desenvolvimento psicológico como quadro de referência da consulta psicológica providenciando o seu objecto e principal objectivo. Discute-se o interesse da abertura desta concepção da intervenção a todas as perspectivas desenvolvimentais, psicológicas e não psicológicas.

Ilustra-se o modelo através de diferentes programas, utilizando diferentes estratégias em diferentes contextos de intervenção:

— Consulta psicológica em grupo para a promoção do desenvolvimento pessoal de jovens desportistas;

— Consultoria — formação psicológica de professores;

— Programas de intervenção nas atribuições orientados para a realização escolar;

— Novas tecnologias da informação em consulta psicológica vocacional;

— Programa para jovens universitários na transição universidade-emprego.

RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURAS SOCIO-COGNITIVAS DO SER E DO AGIR NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DE JOVENS

JOAQUIM LUÍS COIMBRA / BÁRTOLO PAIVA CAMPOS
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Tematiza-se a questão da discrepância entre cognição e acção sociais de jovens dentro do quadro de referência cognitivo-estrutural de Robert Selman na procura do estabelecimento de relações consistentes entre ambas. Especificamente, identifica-se e conceptualiza-se dois tipos de estruturas cognitivas responsáveis, por hipótese, pela integração da experiência e pela organização da acção interpessoais respectivamente.

O estudo empírico envolve a avaliação desenvolvimental das duas estruturas numa população de adolescentes de 12 anos frequentando o 6.º ano de escolaridade com o objectivo de comparação dos dois níveis de desenvolvimento interpessoal. Os resultados evidenciam a discrepância entre os níveis de compreensão interpessoal (mais elevados) e os níveis de desenvolvimento cognitivo referidos à estruturação da acção interpessoal (mais baixos); não foram encontradas diferenças entre sexos. Os resultados fundamentam a hipótese de conceptualização das duas estruturas sociocognitivas formulada no início. Discutem-se as implicações teóricas e de intervenção a partir destes dados.

ESTATUTOS DE IDENTIDADE E ÁREA DE ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: ESTUDO LONGITUDINAL

MARIA EMÍLIA COSTA / BÁRTOLO PAIVA CAMPOS
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

No quadro de investigações sobre o impacto dos contextos sociais de existência sobre o desenvolvimento psicológico apresentam-se três estudos sobre a relação entre área de estudos frequentada na universidade e estatutos de identidade.

A amostra do primeiro estudo é constituída por 250 estudantes (125 mulheres e 125 homens) em idades compreendidas entre 18 e 23 e seleccionados aleatoriamente entre os que se encontravam a frequentar o 2.º ano de cinco cursos universitários da cidade do Porto: Direito, Engenharia, Medicina, Economia e Belas-Artes. A cada um foi administrada a entrevista semi-estruturada de J. Marcia por um entrevistador do mesmo sexo. Os resultados mostram que a distribuição pelos estatutos de identidade é função da área de estudos frequentados. Os *Identity Achievers* encontram-se prioritariamente em Direito e Belas-Artes e os *Foreclosures* em Medicina e Economia.

O segundo estudo visava observar se tais diferenças já existiam no início do curso ou resultavam da frequência universitária. Neste caso foram observados com a mesma entrevista 100 estudantes (cinquenta mulheres e cinquenta homens) de Direito e Medicina. Os resultados mostram diferenças já no início do curso: os *Foreclosure* já são numerosos em Medicina enquanto em Direito os mais numerosos são os *Moratoria*.

Embora se trate de um estudo transversal, tudo se passa como se ocorresse uma evolução do 1.º para o 2.º ano no curso de Direito e uma estagnação no de Medicina. Parece que a diferença de desenvolvimento é função da área de estudo frequentada.

O terceiro estudo abrange 80% dos estudantes do primeiro estudo observados três anos mais tarde (em que a maioria se encontra no ano terminal do curso) com a referida entrevista de Marcia e procura verificar com o método longitudinal se o eventual desenvolvimento da identidade é função da área de estudos frequentada. São apresentadas e analisados os resultados deste estudo longitudinal.